

# Previsões pessimistas para o fim de ano

FÁBIO PAHIM JR.

Comércio e indústria “esfriaram” seus negócios desde a segunda quinzena de agosto, com o choque dos juros, mas às vésperas do último e mais importante trimestre econômico do ano, as opiniões se dividem entre os moderados e os pessimistas. “As pessoas estão mais nervosas do que o necessário”, afirma o presidente do grupo Fenícia (Lojas Arapuã), Jorge Wilson Simeira Jacob. Maior comprador de bens duráveis de alto custo (geladeiras, eletroeletrônicos, TVs), o Fenícia acusou redução de 7% nas vendas em relação às metas internas, que “comportam alguma folga”, segundo Jacob. “O degrau que houve na demanda não deverá ser indicativo de uma recessão igual à do fim do ano passado.”

Mais pessimista, o presidente da Companhia Paulista de Energia Elétrica, Carlos Eduardo Moreira Ferreira, observa que nas últimas semanas cresceu a inadimplência — Estados e municípios começam a atrasar os pagamentos pelo fornecimento de energia, e o mesmo fazem as concessionárias estatais com seus fornecedores do setor elétrico. “A partir de agosto, há uma clara desaceleração no ritmo de atividades da indústria paulista — afirma Moreira, vice-presidente da Fiesp — ante o custo do dinheiro.”

## Recuperação econômica já dá sinais de que não se sustentará

Os economistas, porém, estão vendo um quadro muito mais feio. “O segundo choque econômico (de 31/1) se esgotou e não há condições objetivas de recuperação sem o equilíbrio das finanças públicas”, nota o presidente da Ordem dos Economistas de São Paulo, Geraldo Gardenali. O consultor José Augusto Arantes Savasini e a pesquisadora da Fipe-USP, Maria Helena Zockun, acreditam,

como Gardenali, que o sinal mudou. A recuperação econômica iniciada no segundo trimestre “está abortando”, nota Savasini. “Os dados apontam uma queda pronunciada da demanda. O comércio deixou de comprar e a indústria rapidamente se ajustou. O clima é de queda geral de atividade”, informa Maria Helena.

De fato, após 17 semanas de recuperação do nível do emprego, o índice Fiesp voltou a apresentar um recuo, de 0,19%, na última semana de agosto. “É uma taxa elevada — nota Maria Helena Zockun — e não foi eliminada pelo ganho de 0,15% da primeira semana de setembro.”

Nos últimos 15 dias, as apreensões foram substituídas pela expectativa com os resultados da discussão sobre o Emenda — alguns empresários admitem que o juro poderá ceder. Enquanto isso, vive-se em compasso de espera, para ver a inflação e se o governo irá mesmo afrouxar os juros.

O alerta do secretário de Política Econômica, Roberto Macedo, sobre a falência do governo e

a volta do déficit — feita terça-feira na reunião do Conselho da República, em nome do governo — foi bem recebido, mas o presidente do NMB Bank, Fernando Gentil, destaca: “Collor está querendo diluir a responsabilidade pela situação difícil de hoje. Todos são responsáveis pela situação, não é possível ser diferente”. O temor de que o cenário pintado seja pior do que a realidade perturba outros empresários, como os pesos pesados que estiveram esta semana na Associação dos Empresários da Amazônia, para conversar com o presidente da Cia. Vale do Rio Doce, Wilson Brumer.

## A privatização da Usiminas é prova decisiva das mudanças no País

Os dados disponíveis sobre a reversão ainda são escassos, mas uma multinacional de origem alemã avalia a conjuntura como negativa, embora suas vendas — US\$ 330 milhões até agosto — sejam semelhantes às de 90. A falta de confiança no governo, a

inflação e o déficit público são os maiores problemas, nessa ordem. Fernando Gentil, entretanto, observa que no Exterior os ventos internos ainda não chegaram, salvo pelo temor quanto à não privatização da Usiminas — vista como um sinal decisivo das mudanças brasileiras. O NMB Bank está preparando a captação de recursos no Exterior para três empresas privadas e na semana que vem, pagará à Norberto Odebrecht US\$ 50 milhões pela colocação de títulos lá fora.

Um aumento da recessão desequilibra as contas do governo um pouco mais. Savasini calcula que para uma recessão de 4%, a arrecadação tributária pode cair entre 7 e 8%. Além de não haver fatos geradores de receita tributária, “os empresários começam a atrasar o recolhimento de tributos”, observa Savasini. Mas por enquanto, alguns mecanismos ajudam o governo a se sustentar. Um deles é o compulsório sobre os CDBs e o outro o mecanismo dos Fundões. “Com eles, o governo consegue vender os títulos públicos que precisa.”

Simeira Jacob, do grupo Fenícia (Lojas Arapuã), diz que a situação não é tão ruim assim: “as pessoas estão mais nervosas do que o necessário.”



Amândio Chiodi/AE — 25.08.90